

“Identitarismo”: o que fazer?

■ *por Rayane Andrade*

O presente texto busca trazer **apontamentos sobre a encruzilhada política em torno do chamado “identitarismo”** que está posta, em especial, para o campo da esquerda

Para fazê-lo, parto de uma questão retórica simples que parafraseia o texto célebre de Lênin homônimo na tradução brasileira.

Na obra do russo, entre as muitas questões postas estavam as que giravam em torno de como dar uma face revolucionária às organizações da classe trabalhadora que almejavam o poder. Entre os debates que se destacam, estava aquele que envolvia a democracia e sua insuficiência para derrotar o capitalismo e implantar uma sociedade socialista.

A dificuldade de opor os ideais socialistas aos capitalistas e a crença que através de reformas conquistaríamos o céu para os oprimidos eram parte das ideias que moviam uma parcela da classe naquele período e continuam ecoando hoje. É nesse contexto que abordo



o debate que vem ganhando força no Brasil a respeito do debate sobre as potências que envolvem a discussão sobre identidades em geral e que me debruço a seguir.

Para tanto é necessário entender o que é o identitarismo, como e onde ele vive, e o que a esquerda tem que fazer a respeito para enfrentar as questões sem perder o horizonte socialista de mira. Assim, divido minhas observações em três partes que se seguem

O que é a política de identidade?

Segundo Adnan Haider, a chamada política de identidade que entre nós ficou alcunhada de “identitarismo” diz respeito a compreensão que nos corpos dos sujeitos e suas assunções raciais, de gênero e de orientação sexual estariam

reunidas as armas de organização política contra as opressões. Inicialmente formulada pelo Combahee River, coletivo negro feminista, lésbico e socialista, esse termo pretendia acrescentar ao debate da esquerda a necessidade de perceber que a luta de classes é combatida pelas sujeitas que são atravessadas por sistemas de opressão que se articulam ao capitalismo para nos impor a barbárie como existência.

Contudo, a compreensão foi sendo modificada diante da vastidão de interlocutores e o que era uma crítica ao campo socialista para aprofundar sua análise das estratégias de luta foi tomando ares de absolutismo e caindo em uma armadilha feroz: a identidade é começo e fim de tudo. A famosa cobra que engole o rabo estava posta. Para falar era necessário ter um corpo político específico ou a interdição era o caminho certo.

Asad Haider aponta que essa posição foi usada tanto à esquerda quanto à direita, onde o liberalismo astuciosamente fez cama. Era prático aos interesses de dominação da burguesia destacar e reforçar o argumento que resolvia todas as contradições do capitalismo-patriarcal-racista ao indivíduo. Ora, foi esta a compreensão que resumiu todo o complexo de contradições a um sujeito-mônada, para usar os termos do barbudo alemão. Assim, entender que o problema racial era uma questão de identidade e não de estrutura era funcional aos donos do poder.

A isso se segue o apagamento das alianças entre trabalhadores brancos, negros e indígenas cujas distinções raciais foram elaboradas de maneiras distintas e complexas, mas que ganharam contornos universalizantes conforme o próprio capitalismo se desenvolvia. Ao mesmo tempo que com as ideias marxistas pairando no ar, a tradição comunista de luta pela emancipação humana foi dissociada das questões raciais e de gênero, como se corresse em rios opostos.

Certo é que não há como dourar pílula. Entre os movimentos socialistas a centralidade das questões das mulheres e dos negros, por exemplo, não eram tidas como centrais. Contudo, todavia e entretanto, cumpre salientar que os avanços civilizatórios nessas duas pautas se devem ao acúmulo secular da luta das e dos trabalhadores socialistas.

As creches, a ideia sobre a divisão sexual do trabalho e a divisão do cuidado com o Estado vieram do acúmulo das mulheres socialistas. O próprio Marx reconhecia que a aurora do capitalismo só foi possível pelo sangue retinto pisado.

Assim, chegamos ao ponto dois da nossa conversa.

Qual o problema da Política de identidade para a luta socialista?

O problema da política de identidade para a luta socialista reside em sua apropriação e ressignificação pelo próprio capitalismo-patriarcal-racista. Ao passo que se celebra efusivamente que personalidades intelectuais negras façam propaganda para grandes empresas de aplicativo que precarizam a vida de massas jovens igualmente negras, a

lógica da responsabilização da identidade e melhor, do indivíduo, por todas as consequências nefastas desse regime são dissipadas.

Para entender melhor, o exemplo da trabalhadora negra que passa o dia engarrafando bases caras da marca de uma famosa artista igualmente negra não resolvem a contradição principal: ao fim do mês essa operária não terá condições de usufruir do produto que ela mesma fabrica. É importante que a representatividade na indústria cosmética se faça presente? Sim! Sem dúvida. Mas, isso não basta.

Não adianta que no andar de cima tenham 19 bilionários negros, quando a maioria encarcerada partilha racialmente essa condição. Pretos no topo continuam tendo base, e essa base é oprimida. Assim, é necessário que nós, socialistas, tenhamos a nitidez de enfrentar as questões de identidade recuperando seu sentido original: ferramentas de realização da classe.

A raça é como a classe se expressa nas comunidades pretas, como nos diz Asad Haider. E não há outra forma de sê-lo. O que nos leva a derradeira questão.

O que fazer a partir da questão da identidade?

Bom, daqui há vários caminhos a seguir. Um, liberal, aponta que o inimigo é o branco, é a pessoa sem deficiência e não-trans. Outro, socialista, aponta que o inimigo é o modo de produção que produz essas caixas para melhor nos sugar. É só o socialismo que aposta em uma humanidade radical.

Vejamos, ao passo que, dentro dos termos atuais, é necessário reforçar as

identidades para que elas sejam respeitadas, não podemos parar aí sob pena de entender que as identidades existem. Elas não existem. São construções políticas para nos oprimir. Ninguém nasce mulher, nem negro, nem indígena. Somos assim apreendidos por uma estrutura complexa e desigual, que usa de diferenças e as converte em desigualdades pelo lucro.

Assim, a tarefa dos socialistas diante do identitarismo é remover dos dentes afiados da direita a capacidade de articular sobre esses temas, afinal, são eles que nos condenam a fome e ao cárcere. É essa turma que embranquece nossos referenciais e que tenta desarmar a crítica radical acusando-a de não contemplar a diversidade humana. Ora veja só! Aqueles mesmos que sustentam essa estrutura.

Não podemos inverter a ordem das palavras-comando: vamos pintar a universidade de pretos! Achando que é possível que a Faria Lima se convença do mesmo. Do que me adianta um banqueiro preto, se a maioria expropriada partilha com ele apenas isso, o fenótipo.

É necessário desarmar a armadilha. Com o pé no chão. A esquerda precisa ainda reconhecer a contribuição das e dos intelectuais negros e indígenas ao debate socialista. E isso é tarefa de todas as pessoas, independente de sua identidade. Contudo, não podemos achar que é no corpo solitário que se quedarão as respostas às demandas comuns. ☒

RAYANE ANDRADE é advogada, professora e coordenadora de Direitos Humanos do PT-RN.